



Christine é Maria de Medeiros (à esq.) e Rachel, a mãe, é Bulle Ogier

ELISABETH CARECCHIO

Tudo sobre o meu pai

Numa sala escura, onde mal se distinguem duas figuras, uma voz calma e outra perturbada travam uma batalha. Mãe e filha falam de uma morte. A do pai de Christine. A filha luta para obter uma reação da mãe, uma emoção perante o anúncio da morte do pai. Para a mãe, porém, o pai parece fazer morto há muito tempo. “Un amour impossible/Um

Amor Impossível”, a apresentar no Festival de Teatro de Almada, parte de um romance biográfico ou do que se passou a chamar autoficção, publicado por Christine Angot, em 2015 (Flammarion), e chega ao teatro pela mão da própria autora, que dele fez uma adaptação a pedido de Cécile Pauthe, a encenadora. Christine é Maria de Medeiros e Rachel, a mãe, é Bulle Ogier. A filha

é dona da voz que dispara, a mãe da que fala pausadamente; e a morte, a morte do pai, apenas um pormenor da história destas duas mulheres, porque o que, de facto, importa apresenta-se em carne viva. O pai, Pierre, o burguês parisiense que se recusa a assumir a filha e a casar com mãe, Rachel, por ser apenas uma rapariga de fracos recursos, funcionária da Segurança Social, reaparece na vida das duas quando Christine chega à adolescência. Naquele momento, como perante a morte do pai, a filha acha-se sozinha, vulnerável, e descobre-se vítima de violação pelo pai. O escuro da sala é figuração da distância e do alheamento que existiu entre mãe e filha durante muitos anos e de um processo teatral que ali se inicia, e, que em modo de *flashback*, e com recurso ao vídeo, irá aclarar os contornos daquele drama. A peça é, por isso, um “tudo sobre o meu pai”, na medida em que o pai é o reflexo do sistema de classes parisiense, da arrogância da elite francesa, um homem que se comporta como muitos outros da sua época e meio social, mas também sobre duas

vítimas femininas separadas pelo segredo de um incesto, de uma violação. O percurso dessa relação, suas memórias e conflitos, é a personagem principal para Cécile Pauthe, como afirmou em entrevista. A encenadora defende que a força deste romance está no facto de abordar as várias etapas do amor maternal, “algo que muitos não conheceram”. Christine Angot, por sua vez, não acredita que esteja a contar a sua história ou uma história, mas a forma como uma geração de mulheres sentiram na esfera íntima, e de modo trágico, o embate entre a liberdade sexual e económica do pós-68, na qual se descobriram nos anos 70 do século passado, e a cultura da dominação patriarcal, de poder e de intimidação de classes à qual julgavam poder fugir.

/ CRISTINA MARGATO

UM AMOR IMPOSSÍVEL

De Christine Angot

Festival de Almada, Teatro Municipal
Joaquim Benite, amanhã e segunda